



Vista do antigo bairro de Hellersdorf, em Berlim: reforma, da qual participou o Escritório Brasil de Arquitetura, de Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci, de São Paulo, custou cerca de US\$ 50 milhões

Azulejos cadiueus enfeitam bairro reformado de Berlim

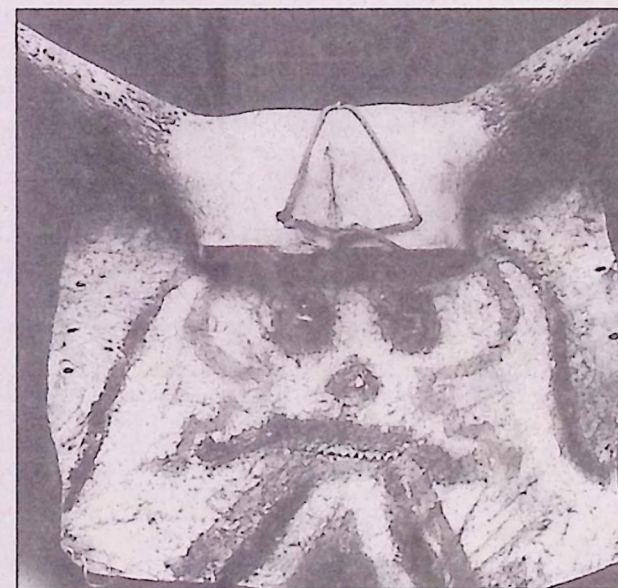
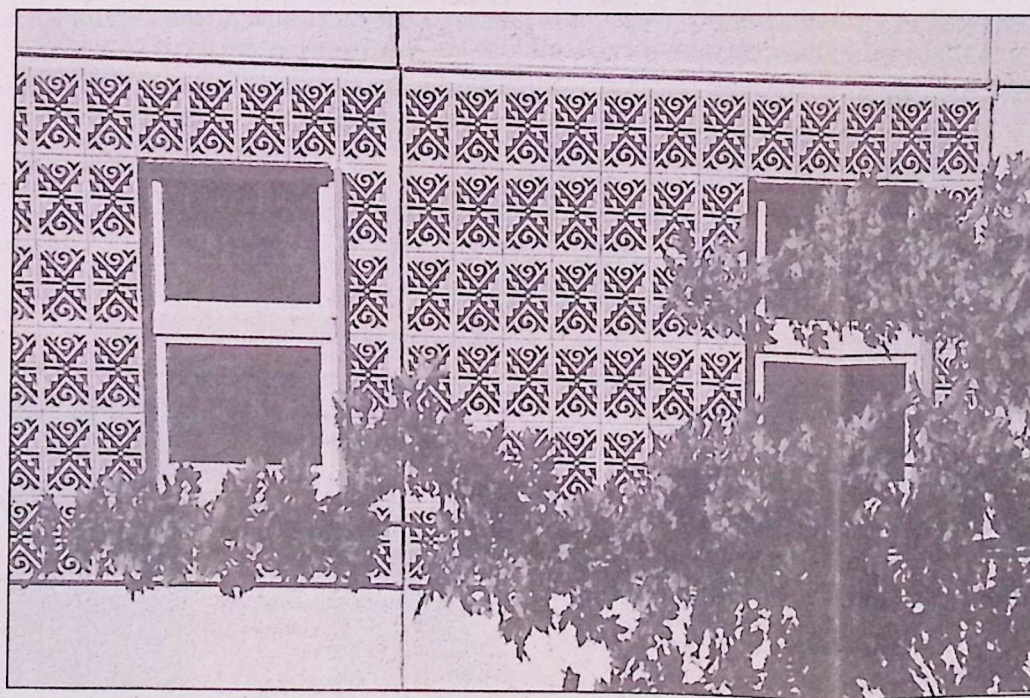
Seis índias da tribo de Mato Grosso do Sul participam da reabertura de Hellersdorf, nesta sexta

JOTABÉ MEDEIROS

Um grupo de seis índias da tribo cadiueu de Mato Grosso do Sul é convidado de honra na reinauguração, na sexta-feira, em Berlim, de uma parte do bairro Hellersdorf, na antiga Berlim Oriental. As índias são as responsáveis pelos grafismos dos azulejos dos prédios com 3,2 mil apartamentos no bairro, que foi reformado segundo projeto do Escritório Brasil de Arquitetura, de São Paulo, dos arquitetos Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci.

A tribo cadiueu vive na região da Serra Bodoquena, ao sul do Pantanal Mato-Grossense. É dona de uma tradição de arte sofisticada e descende da tribo dos cadiuegadis, que no fim do século 17 se deslocou para os barrancos do Rio Paraguai. Darcy Ribeiro visitou a tribo dos cadiueus entre 1947 e 1948 e escreveu ensaios deslumbrados com o nível de organização e sofisticação cultural desse povo.

As seis índias da tribo não vão apenas saber qual foi o resultado do seu trabalho em Berlim. Também inauguram amanhã uma exposição com seus trabalhos no Instituto Cultural Brasil-Alemanha de Berlim. A mostra reúne ainda obras do Museu de Antropologia de Berlim, onde – por uma insólita coincidência – já existe uma pe-



Grafismos e escultura das cadiueus: nas fachadas dos prédios e no Instituto Cultural Brasil-Alemanha

quena coleção de objetos de cadiueus, levada a Berlim no começo do século por um antropólogo italiano.

“São trabalhos de antepassados delas que as índias nunca viram antes, embora estejam na base do seu trabalho”, diz o arquiteto Marcelo Ferraz. “Fizemos um concurso na aldeia para escolher seis desenhos, que foram reproduzidos em todo o bairro e pelos quais elas estão recebendo royalties”, garante.

A região da reforma no antigo bairro de Hellersdorf, que tem uma população de 105 mil habitantes, é na área chamada de Geller Viertel. O investi-

mento na recuperação foi de 90 milhões de marcos alemães (cerca de US\$ 50 milhões) e o escritório brasileiro de arquitetura, que ganhou o trabalho, concorreu com 56 escritórios de toda a América Latina.

O projeto dos arquitetos de São Paulo, segundo destacou o crítico Jacob Klintonowicz em artigo no *Jornal da Crítica*, tenta quebrar a monoton

ia da arquitetura de pré-moldados da estética comunista do antigo Hellersdorf, utilizando cores vivas da arquitetura popular brasileira, branco de cal com amarelo, azul-ultramarino e rosa. Também há a aplicação de *muxarabis* nas varandas e nas entradas dos prédios e tratamento paisa-

gístico com referência à natureza brasileira, aos rios e matas.

GRAFISMOS
SOFISTICADOS
MARCAM
TRABALHOS

Os azulejos selecionados entre os trabalhos das índias são os que apresentam maior variedade de cores e de temáticas mais festivas, embora haja um aspecto mais sombrio do trabalho dos cadiueus.

Mais arte brasileira – Nas quatro entradas principais do bairro, haverá praças com esculturas de quatro artistas brasileiros (que serão inauguradas em outubro): Frans Krajcberg (Prêmio Multicultural Estadão de 1997), Siron Franco, Amílcar de Castro e Miguel dos Santos.

O arquiteto Marcelo Ferraz foi, durante 15 anos, um dos principais colaboradores da arquiteta do Museu de Arte de São Paulo, Lina Bo Bardi, sendo co-autor do projeto do Sesc Pompéia.

O projeto de recuperação de Gellers Viertel foi tratado em artigo de Katherine MacInnes, da revista britânica *World Architecture*. Ela crê que a arquitetura brasileira, a exemplo do futebol, pode afirmar-se com mais personalidade e força num mundo globalizado valorizando as próprias qualidades regionais.

A presença dos grafismos dos cadiueus tende a acentuar essa escolha. Trata-se de um povo em luta para escapar da extinção – segundo assinalou Darcy Ribeiro, já na década de 50 eles eram apenas 235 pessoas (hoje, chegam quase a 20 mil). É a última tribo dos Mbayá, índios cavaleiros que opuseram heroica resistência aos colonizadores espanhóis e portugueses da bacia do Paraguai.

Darcy Ribeiro assinalou que eles combatiam os seus inimigos usando táticas de guerra semelhantes às dos regimentos de cavalaria organizados da Europa. E montavam, segundo relatos, com a habilidade dos cosacos russos. Seus grafismos tratam principalmente das suas relações com o mito, incorporando as preocupações de caçadores, pastores nômades e as tradições guerreiras.

Suas tradições musicais também são consideradas por especialistas mais ricas e com temas melódicos menos monótonos do que os da maioria das tribos brasileiras.